



Comprido, Redondo e Penetrante  
CONTO PHANTASTICO

Era uma vez um rei muito velho, que tinha  
nº filho. Chamou-o, e disse-lhe :

— Meu filho, tu vês que já não posso viver muito;  
oucas vezes o sol brilhará ainda sobre a minha ca-  
beça. Antes de morrer, quero conhecer a mulher  
que escolherás para companheira. Vê si te casas.

O principe respondeu :

— Eu faria a vossa vontade, meu pae, si já ti-  
jesse feito a minha escolha.

O rei tirou da algibeira ~~uma~~ uma chave de ouro, e  
deu-lh'a dizendo :

— Vae lá em cima, bem lá em cima ; ha uma  
sala, entra, olha em redor e escolhe.

O filho do rei subio em tres pernadas. Nunca  
estivera na tal sala, e não sabia o que encerrava.

Quando entrou viu no forro uma porta de ferro  
em forma de alçapão ; abrio-a com a chave de ouro,  
levantou-a e penetrou em um salão redondo,  
cujo tecto era azul como o céo, e coberto de estrel-  
las douradas.

O alçapão ficava disfarçado por um tapete verde.  
Em torno das paredes havia dôze janellas altas,  
com caixilhos de ouro.

Sobre o chrystral de cada uma dessas vidraças es-  
tava pintada uma moça, cada qual a mais bonita.  
Em quanto o principe as contemplava, não sabendo  
qual escolher, as pinturas pozeram-se a mexer, como  
si fossem animadas ; olhavam para elle, sorriam  
lhe, e pareciam querer fallar-lhe.

De repente o principe notou que uma das janellas  
estava occulta por uma cortina. Afastou-a, e viu  
outra moça, vestida de branco, com um cinto de  
prata, e uma coroa de perolas na cabeça.

Era a mais bella de todas, mas estava pallida e  
triste como si tivesse sahido de um tumulo.

O filho do rei esteve muito tempo parado diante  
dessa imagem, e no fim, derretendo-se em senti-  
mento.

— E' esta a que eu quero ! disse.

A moça baixou a cabeça, corou como uma rosa,  
e logo todas as outras imagens desappareceram.

Quando desceu, o principe disse ao pae o que  
vira, e que noiva escolhéra.

Q velho rei ficou triste, e assim fallou :

— Fizeste mal, meu filho, em descobrir o que  
eu occultava : envolveste-te n'um grande perigo.  
Aquella moça está em poder de um feiticeiro, n'um  
castello de ferro. Todos quantos tentaram livral-a,  
lá ficaram. Mas o que está feito está feito. Palavra

dada é lei. Vae tentar a tua fortuna, e volta sâo e  
salvo.

O principe separou-se do pae, montou a cavallo,  
e partio em procura da noiva.

Metteu-se n'um grande bosque, e perdeu-se.

Em quanto buscava sahida pelo meio dos espi-  
nhos e das moitas, ouvio de repente uma voz que  
gritava :

— Olá ! Olá !...

Olhou, e viu um homem muito alto que corria  
para elle.

— Tomae-me á vossa servico, e não vos arre-  
pendereis, dizia o homem.

— Quem é você? que sabe fazer?...

— Eu chamo-me Comprido, e sei crescer á von-  
tade. Vedes aquelle ninho lá em cima, lá, muito  
alto? Vou tiral-o sem subir á arvore

E Comprido poz-se a esticar a esticar, a esticar...  
Logo que ficou tão alto como a arvore, tomou o  
ninho, encolheu-se de novo, e deu-o ao principe.

— Está muito bem ; mas para que me servem  
ninhos? O que eu procuro é sahir do bosque!

— E' facil, disse Comprido.

E poz-se de novo a esticar, a esticar, até que  
ficou tres vezes mais alto que o pau mais alto da  
floresta. Olhou em volta de si, e disse :

— E' por alli que devemos sahir.

Encolheu-se, tomou o cavallo do principe pela  
rédea, e começou a andar. Logo depois estavam na  
estrada.

Em frente delles estendia-se uma grande planicie,  
terminada por altos rochedos, cinzentos como os  
muros de uma cidade.

Comprido disse :

— Lá vem o meu camarada... lá... muito ao  
longe. Tomae-o igualmente ao vossa servico, e não  
vos arpendereis.

— Pois chama-o ; quero vel-o.

— Está ainda longe, não me ouvirá, e quando  
ouvisse levaria muito tempo a chegar. Esperae : Eu  
vou buscal-o.

E esticou-se de tal modo que a sua cabeca se  
perdeu nas nuvens ; deu dous ou tres passos, tomou  
o camarada nos hombros, e levou ao principe.

O novo personagem era disforme ; tinha o ventre  
redondo como uma bola.

— Quem é você? Que sabe fazer?

— Senhor, eu chamo-me Redondo e posso en-  
cher-me a vontade. Quereis ver?

E começoa a encher.

— Fugi depressa ! gritou Comprido ao principe. E dispararam ambos para o bosque.

Era tempo : Redondo tel-os-ia derribado, tanto e tão desmedidamente lhe crescera o ventre de todos os lados, enchendo grande espaço em redor. Dir-se-ia uma montanha.

Redondo deixou de encher-se, respirou com um estrepito que fez estremecer o bosque, e tornou ao seu natural.

— Venham ambos commigo ! disse o principe. E continuaram a jornada.

Ao chegar perto dos rochedos, viram um homem que trazia os olhos vendados.

— Eis alli outro camarada, disse Redondo ; tomae-o tambem ao vosso serviço, e não vos arrependereis.

(Continúa)

T.

#### RECEITA GRATUITA

Para se fazer uma peça de artilheria :  
Pega-se n'um buraco, põe-se-lhe ferro em volta e...  
Apontar ! Fogo !

#### CONSELHOS DE GRAÇA



Eu cá, como o outro que diz, não faço outra cousa no mundo senão trabalhar para o bem estar do genero humano.

Tenho feito maravilhas !

Já curei um cego que não enxergava um palmo adiante do nariz, que afinal veio a morrer do que morre muita gente, isto é, por excesso de falta de saude.

Já livrei das garras da morte um muribundo que foi tão ingrato que falleceu oito dias depois de tão milagrosa cura.

Já curei...

Já curei muitos infelizes, enfim, que morreram depois, é certo, mas não foi por minha culpa.

Inda ha pouco mesmo, em quanto os *outros* andavam a comprar bilhetes da grande, eu andava todo atrapalhado a descobrir um remedio efficaz contra o cholera morbus, esse mal terrivel, que inda o é mais do que a politica ou a guarda urbana.

Tão terrivel que eu mesmo já me admiro de o não terem feito commendador ou, pelo menos, tenente coronel da...

Mas, enfim, descobri já o remedio que me apresso a pôr á disposição dos meus graciosos frequezes.

Supponhamos todos que você foi abocanhado pelo cholera, que já não o deixa fazer um unico movimento.

A familia toda está em prantos, á espera da hora fatal em que você ha de esticar as canellas com a graça de Deus, deixando a imprensa toda a publicar a sua biographia (o que já é um castigo do céo).

O que fazer ?

Como salvar a tua vida tão cara (desculpe a franqueza) ?

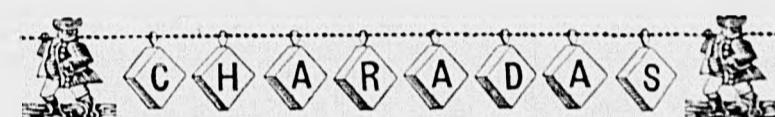
Nada mais simples :

Tome banhos de mar.

Tome banhos de mar e depois, pôde vir-me trazer noticias da sua saúde.

Experimente e verá que não mente o

DR. VENTOSA.



A' perspicacia dos amadores desta secção submettemos as seguintes charadas :

2—2— Não é já que o italico se decifra.

2—2— No fundo do mar não se afoga porque é fresco.

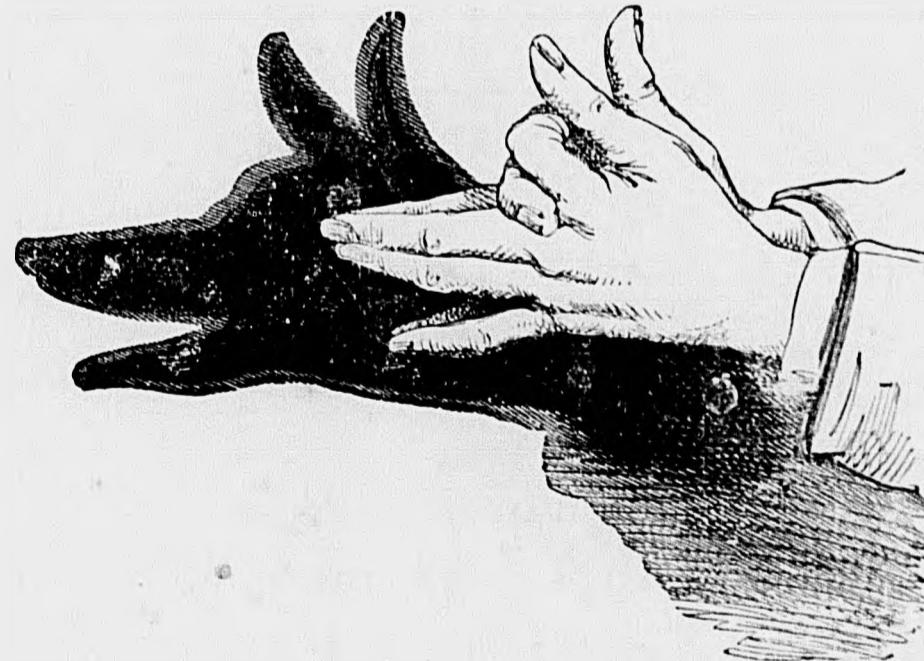
3— Este mal é peccado.

1—1— Quem me dá aquele rio que corre tanto?

2—1— O meirinho da penhora é instrumento.

1—1— Quem tem mulher tyrama não usa calcas.

#### Sombrinhas



Offereçemos á leitora um agradavel entretimento. A gravura acima ensina-lhe a colocar as mãos de tal modo que a sua sombra reflectida na parede, tenha a forma de uma raposa.

Como este divertimento só pôde ter lugar á noite, não tomará tempo a ninguem.

Nos proximos numeros daremos outras sombrinhas.



(Continuação do n.º 1 da *Distracção*)

— Quem és? perguntou o príncipe. Para que traes os olhos vendados? Não queres ver o caminho?

— Enganae-vos Sr.: é justamente porque vejo de mais, que sou obrigado a cobrir-os. Vejo tão bem com si coisa alguma tivesse nos olhos. Quando tiro a venda, o meu olhar penetra através de todas as coisas; com elle tudo encendeio, e o que por ventura não pega fogo, estala! Eu chamo-me Penetrante.

Em voltando-se para o rochedo, arrancou a venda e fixou sobre a pedra os seus olhos ardentes. O rochedo começou a rachar, como o Pedregulho; depois estalou, como uma pedreira a que lançassem dynamite; por fim pulverisou-se!

O rochedo só restava um montão de areia. Nessa areia alguma coisa havia, que brilhava muito. Era um pedaço de ouro puro. Penetrante apanhou-o e entregou-o ao príncipe.

— És um rapaz impagável, agradeceu este. Já que tens tão bons olhos, vê si ainda estou longe do castello de ferro, e o que lá se passa neste momento.

— Si fôrdes só, fallou Penetrante, não chegareis sinão d'aqui a um anno; indo comnosco, d'aqui a pouco estaremos lá. Estão agora preparando a ceia.

— Vês a princeza que habita o castello?

— Sim! um feiticeiro guarda-a n'uma torre trancaada por portas de ferro.

— Precisamos salvá-la! Bradou o príncipe.

Prometeram fazel-o.

Conduziram-o pelo meio desses rochedos cincinzenos, servindo-se da brecha que haviam feito os olhos de Penetrante, e depois pelos vales, pelas montanhas e pelos bosques profundos.

Todas as vezes que algum obstáculo se apresentava, três camaradas venciam-o.

Nã tardou que aparecesse ao longe o castello de ferro.

Chegaram.

Travessaram uma ponte levadiça, que se ergueu depois que elles passaram; e assim que entraram no castello, as portas fecharam-se por si.

Entraram presos.

O príncipe deixara o seu cavalo na estrebaria, onde encontraria já preparada a respectiva refeição.

No cavallariça, no pateo, nos corredores, nas salas, por toda a parte, foram encontrando individuos ricamente vestidos, senhores e criados; mas nenhum que desse signal de vida. Estavam todos petrificados.

Atravessaram algumas salas, e chegaram á de jantar, que estava brilhantemente illuminada. No centro achava-se uma mesa sumptuosamente servida de vinhos e de iguarias; estavam quatro talheres.

Esperavam que viesse alguém. Ninguem veio. Desilludidos, portim, sentaram-se, comeram e beberam.

Era a vez do descanso.

Pretendiam procurar o lugar mais conveniente para dormir, quando de repente abriu-se uma porta e o feiticeiro entrou.

Era velho, corcunda, e muito feio. Vestia um grande roupão negro. Não tinha cabellos na cabeça, mas a barba cahia-lhe densa até os joelhos, e ruça, muito ruça. Trazia em torno do corpo, em forma de cintos, tres círculos de ferro, grossos e negros.

Acompanhava-o pela mão uma dama admiravelmente bella, e vestida de branco. Cingia-a um cinto de prata, e uma corôa de perolas adornava-lhe a cabeça. Mas estava pallida e triste, como si houvesse sahido do tumulo.

O príncipe reconheceu-a e foi ao seu encontro.

O feiticeiro, porém, embargalhou-lhe os passos, e não lhe deixou tempo de fallar:

— Sei bem a que vieste. Ahi tens a princeza, guarda-a durante tres noites; si o poderes fazer, pertence-te. Si, porém, a deixares escapar, serás petrificado, e os que te seguem, assim como o foram já quantos te têm antecedido.

Dizendo isto, mostrou um assento á princeza, convidou-a a sentar-se, e sahio.

O príncipe não tirava os olhos da moça, tanto era bonita.

Fallou-lhe; perguntou-lhe um milhão de coisas; mas não teve resposta; ella não fallava, não sorria, não olhava para ninguem; dir-se-ia que era de marmore.

O príncipe sentou-se ao lado della, e resolveu não dormir para que lhe não escapassem.

Por mais segurança, Comprido esticou-se e estendeu-se por toda a parede, em volta da sala. Redondo pôz-se á porta, encheu-se e encheu-a de tal sorte, que nem uma formiga seria capaz de passar. Penetrante encostou-se a uma columna e arregalou os olhos.

Mas d'ahi a pouco estavam dormindo.

Dormiram toda a noite!

De manhan, muito cedo, o príncipe foi o primeiro a acordar.

A princeza tinha desapparecido.

(Continua.)

T.



(Continuação do n.º 2 da *Distracção*)

Despertaram os companheiros. Que iriam fazer?

— Não vos inquieteis, disse Penetrante; eu estou vendo a princeza. A cem leguas daqui ha um bosque, nesse bosque um carvalho, nesse carvalho uma castanha: essa castanha é ella. Que Comprido me tome nos seus hombros; n'um abrir e fechar de olhos estamos de volta.

Comprido levantou-o pela barriga, pol-o ao hombro, esticou-se e sahio; de cada passo fazia dez leguas. Penetrante ensinava-lhe o caminho.

Em menos tempo do que é preciso para lêr a *Distracção* estavam de volta.

Comprido entregou a castanha ao principe:

Atirae-a ao chão! disse.

O principe obedeceu, e no mesmo instante a princeza surgiu a seu lado.

O sol começava a assomar por cima das montanhas, quando se escancarou a porta, para dar passagem ao feiticeiro, que ria sinistramente.

Mas ao vêr a princeza estremeceu e rosnou. E um dos seus anneis de ferro — crac! — estalou e cahio.

O feiticeiro tomou a princeza pela mão, e foi-se.

Durante o dia ocupou-se o principe em percorrer o castello e admirar as maravilhas que este continha.

Por toda a parte a vida parecia ter sido bruscamente suspensa.

N'uma das salas vio um cavalleiro, que erguiu nas mãos ambas uma pesada massa de armas e brandia-a com ar ameaçador; mas o golpe parára no caminho!

N'uma outra sala, outro cavalleiro, petrificado tambem, se achava na attitude de quem foge; o pé erguera-se-lhe sobre a soleira da porta, mas não a tocára.

Junto ao fogão, um criado de pé, o braço estendido, segurava um pedaço de assado que ia levar á bocca, que ficára aberta.

Vio muitos outros na posição em que se achavam quando o feiticeiro lhes dissera: — Petrificaes-vos!

No castello, em torno d'elle, tudo era contristador e sombrio: havia arvores, mas sem folhas, planicies, mas sem herva. O rio não deslisava: as aguas estavam quietas, como si fossem de vidro. Nem um passaro cantava! Nem uma flor abria! Nem um peixe nadava!

De manhan, ao meio dia e á noite o principe e os seus companheiros acharam no castello uma boa refeição; os pratos vinham por si mesmos; as igua-

rias passavam-se para os pratos; as garrafas serviam os copos.

Depois da ceia as portas abriram-se e o feiticeiro trouxe de novo a princeza, para que de novo a guardassem.

Os quatro juraram empregar todos os esforços para não adormecer; mas foi debalde: dormiam profundamente.

Quando o principe acordou pela manhan, vio que a princeza desapparecera ainda, acordou Penetrante:

— Levanta-te! Vê onde está a princeza!

Penetrante ergueu-se, esfregou os olhos, olhou e disse:

— A duzentas leguas d'aqui ha uma montanha, nessa montanha um rochedo, nesse rochedo uma pedra preciosa: essa pedra preciosa é ella! Carrega-me, Comprido! vamos buscal-a!...

— Comprido tomou-o aos hombros, esticou-se e partio. De cada passo fazia vinte leguas. Penetrante fixou sobre a montanha os seus olhos ardentes. A montanha rebentou e saltou em mil pedaços; entre estes brilhava a pedra preciosa. Tomaram-a e levaram-a ao principe. Este deixou-a cahir, e no mesmo instante a princeza levantou-se na presença d'elle.

Quando o feiticeiro voltou, e a vio, os seus olhos relampejaram de raiva. E ainda um dos seus anneis de ferro — crac! — estalou e cahio.

Nesse dia tudo se passou como na vespera.

Depois da ceia o feiticeiro trouxe a moça, e, voltando para o principe uns olhos dos quaes só se via o branco, disse-lhe:

— Veremos quem vence!

Os quatro companheiros fizeram, pois, inauditos esforços para afugentar o sonno; não quizeram sentar-se; resolveram passar a noite a passear pela sala. Debalde! Dormiram como na vespera.

O principe, como das outras vezes, foi o primeiro a despertar, e a não ver a princeza, e a sacudir Penetrante:

— Oh! acorda! Que é da princeza?

Penetrante chegou á janella, e olhou durante muito tempo.

— Hum! hum! desta vez ella está longe, muito longe. A trezentas leguas d'aqui ha um mar negro, no fundo desse mar ha uma concha, nessa concha ha um annel de ouro: esse annel é ella. Mas não vos inquieteis; nós iremos buscal-a. E' preciso que Redondo vá hoje comnosco. Comprido o carregará tambem.

Comprido tomou-os ambos aos hombros como dous alforjes, esticou-se, e sahio. De cada passo vencia trinta leguas.

Quando chegaram junto ao mar negro, Penetrante mostrou-lhes em que logar deviam procurar a concha.

Comprido estendeu a mão tanto quanto lhe foi possível: não alcançou o desejado objecto.

— Esperem! bradou Redondo. Agora eu!

E poz-se a encher, a encher, a encher incomensuravelmente. Deitou-se depois sobre a praia, e... bebeu.

Ao cabo de um instante as aguas desciam a tal ponto, que Comprido, estendendo de novo o braço, conseguiu apanhar o anel.

O feiticeiro rugiu de modo que todas as paredes do castello estremeceram, e — crac! — o terceiro círculo de ferro despedaçou-se e cahio. E o magico transformou-se n'um corvo, e desapareceu, voando, pela vidraça quebrada.

Foi então que a princeza começou a fallar, e agradeceu ao príncipe havel-a salvado.

No castello tudo voltou á vida: o cavalheiro, que brandia a massa de armas, descarregou-a finalmente; o que ficára com o pé suspenso na soleira da porta, pousou-o no chão; o lacaio levou o pedaço á bocca, e continuou a comer; cada um concluiu o que havia começado.

Muitos dos cavalheiros entraram na sala em que estava o príncipe, e agradeceram-lhe a libertação.

— Não tendes que me agradecer. Si não fossem os meus fieis companheiros — Comprido, Redondo e Penetrante — eu seria petrificado como vós o fostes!

Lego depois fez-se a caminho para o reino de seu pae, onde chegou com a sua noiva e os seus tres preciosos companheires.

O rei chorou de alegria ao vêr voltar aos seus braços um filho com quem já não contava.

Dias depois celebrara-se os esponsaes com grande pompa; a festa durou tres semanas. Todos os cavalheiros, que haviam sido desencantados, compreceram a convite do noivo.

Depois das nupcias, Comprido, Redondo e Penetrante anunciaram ao príncipe a sua partida. O príncipe, porém, supplicou-lhes que ficassem no reino de seu pae.

— Dar-vos-hei tudo quanto desejardes em quanto viverdes: não precisais trabalhar.

Mas essa existencia ociosa não lhes agradou: agradeceram, despediram-se e desde esse dia correm fados por esse mundo.

T.

### Uma vocação torcida

A apostar em como os senhores não conhecem o Antenor.

Dirão então os senhores:

— Quem é que não o conhece; é aquelle que não tem este olho!

— Nego, responder-lhes-hei, tem-os ambos tão perfeitos que são capazes de metterem inveja a qualquer Camões.

O Antenor, pois, como qualquer dos senhores pôde fazer idéa é.... o proprio Antenor.

Desde criança teve uma predilecção especial, pelas musicas marciaes, tanto que em apanhando-se fóra da jurisdição materna, lá andava o Antenor percorrendo as ruas da cidade com passo de soldado em marche-marche com a mão em forma de corneta á arremedar qualquer marcha ouvida de uma das bandas dos batalhões.

Era um demoninho em ponto pequeno.... com esperanças de crescer.

A mãe a principio arrenegava-se toda e dizia:

— Este menino ha de dar-me que fazer no futuro. Sahio hontem das baetas e já pinta o sete como o Sr. seu pae, que Deus haja, quando andava me cá á arrastar a asa. Por signal que...

Nisto ouvio os passos do Antenor que se dispunha á sahir para a rua com o maldicto assobio a tremilhar-lhe nos labios.

— *Antenor*, gritava lhe ella então com a pronuncia carregada dos filhos do archipelago: passa para aqui menino.

— Nunca has de subir de moleque.

— Ora, mamãe, que inferno! Sempre a torcer a vocação da gente. Tanto a senhora ha de gritar que um dia deixo o assobio e vou *aprender* a tocar sino.

Desde esse dia nunca mais na vizinhança se ouvio fallar do Antenor.

Instigados os vizinhos na sua curiosidade, quando o bispavam, perguntavam-lhe:

— O' Antenor, onde diabo te mettes que nem te lembras mais do assobio e das espadas de pão?

— Ora! respondia elle, um dia saberão... agora estou me fazendo homem.

E nem á propria mãe explicava o sentido destas reticencias.

\* \*

Um dia, havia festas na Sé. Dentro dessa igreja, onde também tem seu altar um santo um pouco mais escuro do que qualquer um de nós outros, o povo borborinhava acotovellando-se á entrada pressuroso de molhar a ponta dos dedos na pia d'água benta.

Nos sinos badalavam com furia febril uns punhos incansaveis.

E era tal o ardor do sineiro que nem respeitava o côro dos padres que mascavam o seu latinorio, esguellando-se a mais não poderem, para serem ouvidas pelos fieis.

Estes, maldiziam todos os sinos e o sineiro em particular por prival-os das cantillenas sacerdotaes, com as suas badaladas agudas e prolongadas.

— O demo te chupe, maldictinho do inferno, bravou uma velha beata, antes batesse com a cabeça.

— O' bruxa velha, gritou-lhe outra... não menos bruxa, deixa o pobre do rapaz na sua vocação.

— O meu *Antenor* é uma alminha *impersonificada*. Sabe tão bem *repinicar* por musica que hade ganhar a porta da immortalidade...

— A' cavallo n'um burro! respondeu-lhe um eôro de beatas!

E o Antenor... badalava mais.

ZÉ DA LUZ.